



**A LUZ EM CENA**

Revista de Pedagogias  
e Poéticas Cenográficas

E-ISSN 2764.4669

# Na linha do croqui, como na linearidade do desfile: apreciações sobre *A folia carnavalesca de 1913* e o *rancho Ameno Resedá*.

Claudio Flores Serra Lima

## Para citar este artigo:

LIMA, Claudio Flores Serra. Na linha do croqui, como na linearidade do desfile: apreciações sobre *A folia carnavalesca de 1913* e o *rancho Ameno Resedá*. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v. 3, n. 5, jun. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/105965/27644669030520230901>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



## Na linha do croqui, como na linearidade do desfile: apreciações sobre *A folia carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá*

Claudio Flores Serra Lima<sup>1</sup>

### Resumo

O livro *A Folia Carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá* é fruto da pesquisa de Madson Oliveira, professor Adjunto do curso de Artes Cênicas – Indumentária, da Escola de Belas Artes da UFRJ. Tem já na bela capa o índice dessa leitura linear do acontecimento carnavalesco: croquis de figurino se sucedem, formando um desfile. O leitor vai sendo conduzido de um olhar panorâmico sobre o carnaval, para uma focalização na divisão social dentro do evento carnavalesco do século XIX para o XX: O trunfo da pesquisa é o caráter documental e investigativo, avançando para além da contribuição dos pesquisadores anteriores e jornalistas que se debruçaram sobre a história desse rancho.

**Palavras-chave:** Carnaval. Desfile. Arquivo. Linearidade.

### In the line of the sketch, as in the linearity of the parade: appreciations about *A 1913 carnival revelry and the Ameno Resedá ranch*.

### Abstract

The book *A Folia Carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá* is the result of research by Madson Oliveira, Adjunct Professor of the Performing Arts – Clothing course at the School of Fine Arts at UFRJ. There is already on the beautiful cover the index of this linear reading of the carnival event: costume sketches follow one another, forming a parade. The reader is led from a panoramic view of the carnival, to a focus on the social division within the carnival event from the 19th to the 20th century: The trump card of the research is its documental and investigative character, advancing beyond the contribution of previous researchers and journalists who pored over the history of this ranch.

**Keywords:** Carnival. Parade. File. Linearity.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto no departamento de Estética e Teoria do Teatro da UNIRIO e foi professor de teatro na UFRJ, na Universidade Veiga de Almeida e na Faculdade Angel Vianna. Foi artista residente na SP Escola de Teatro. É doutor em Teatro pela UNIRIO, mestre em Letras Neolatinas pela UFRJ e bacharel em Artes Cênicas-Indumentária pela UFRJ.

✉ [claudio.lima@umirio.br](mailto:claudio.lima@umirio.br) / <http://lattes.cnpq.br/2684173354714647/> / <https://orcid.org/0000.0002.6626.0345>



## En la línea del croquis, como en la linealidad del desfile: apreciaciones sobre Un jolgorio carnavalesco de 1913 y la estancia Ameno Resedá.

### Resumen

El libro *A Folia Carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá* es el resultado de una investigación de Madson Oliveira, profesor adjunto del curso de Artes Escénicas – Vestuario de la Facultad de Bellas Artes de la UFRJ. Ya está en la hermosa portada el índice de esta lectura lineal del evento carnavalero: los bocetos de disfraces se suceden, formando un desfile. El lector es conducido desde una mirada panorámica sobre el carnaval, a un enfoque sobre la división social dentro del evento carnavalesco del siglo XIX al XX: La baza de la investigación es su carácter documental e investigativo, superando el aporte de anteriores investigadores y periodistas que profundizaron en la historia de esta estancia.

**Palabras clave:** Carnaval. Desfile. Archivo. Linealidad.



Na linha do croqui, como na linearidade do desfile:  
apreciações sobre *A folia carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá*  
Claudio Flores Serra Lima

**Resenha da obra:**

OLIVEIRA, Madson. *A Folia Carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá*.  
Rio de Jánriro. Editora Rio Books, 2022. Contemplado com Auxílio à Editoração da FAPERJ.





Quando Diderot, há quase trezentos anos, postula que o drama é formado pela causalidade entre as ações dos personagens<sup>2</sup>, ele está apontando um pensamento, ou melhor, uma maneira de olhar e ler o mundo, alicerçada na linearidade de ações sucessivas. A visualidade da cena opera a linearidade da linguagem escrita e falada. Se as palavras, em uma frase, assumem funções sintáticas, que encontram sentido na relação de umas com as outras, engendrando uma ideia conclusiva no fim, assim é o drama: uma cena sucede a outra, vislumbrando uma resolução desse conflito no final.

No que diz respeito ao encadeamento de ações dramáticas, Diderot não está inovando a estética de sua época, mas reforçando certa interpretação europeia da *Poética* de Aristóteles. O século XVII, em especial, publicou tratados sobre a escrita dramática, estabelecendo como um de seus pilares a unidade de ação. Tal estabelecimento é consonante com um discurso, para além do dramático, que deve ser preciso e transparente, onde a ideia está inerente à palavra. Tudo isso prepara o terreno das condições que tornam possível uma maneira de pensar esse mundo dos séculos XVII e XVIII, que Foucault compreenderá como a “episteme clássica”<sup>3</sup>.

A cultura popular, ainda que bastante oral e frequentemente revolucionária, evidencia um diálogo com essa linguagem linear e sucessiva ao formalizar, gradativamente, nas manifestações carnavalescas, a estrutura do desfile. Observa-se, da calçada, fantasias e alegorias, uma após a outra. A cultura da rua conversa diretamente com a urbanização, portanto com a linearidade das vias construídas para os meios de transporte – sejam carruagens, sejam automóveis. As ruas são lineares e, à medida que a modernidade vai se estabelecendo no século XIX, na Europa, e no início do século XX, no Brasil, as pequenas ruas lineares vão se tornando as grandes avenidas retangulares, que funcionam como frases: os carros seriam as palavras que se sucedem e vão conduzindo o sentido final.

O livro *A Folia Carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá* tem já na bela capa o índice dessa leitura linear do acontecimento carnavalesco: croquis de figurino se sucedem, formando um desfile. Trata-se de uma escolha muito acertada porque faz das linhas dos desenhos não apenas tema, mas operação da linguagem carnavalesca.

---

<sup>2</sup> DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática* (trad. Franklin de Mattos). São Paulo: Cosacnaify, 2005.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas* (trad. Salma T. Muchail). São Paulo: Martins Fontes, 2000.



O livro é fruto da pesquisa de Madson Oliveira, professor Adjunto do curso de Artes Cênicas – Indumentária, da Escola de Belas Artes da UFRJ. O leitor vai sendo conduzido de um olhar panorâmico sobre o carnaval, para uma focalização na divisão social dentro do evento carnavalesco do século XIX para o XX: pequenas e grandes sociedades. Em seguida, mergulhamos num exemplo dessas sociedades, qual seja, o rancho Ameno Resedá. Por fim, é evidenciada a trajetória pessoal e profissional do multiartista Amaro Amaral, responsável pela criação de muitos figurinos do rancho em questão.

O trunfo da pesquisa é o caráter documental e investigativo, avançando para além da contribuição dos pesquisadores anteriores e jornalistas que se debruçaram sobre a história desse rancho. Madson decodifica para o leitor os inúmeros detalhes dos eventos carnavalescos. Além disso, reúne citações de diferentes épocas a estabelece eixos temáticos a propósito dos elementos que estruturam o rancho Ameno Resedá, como os belos testemunhos sobre os instrumentos musicais, sobre os ritmos inovadores executados nos desfiles e sobre o canto e a dança.

Em relação aos figurinos carnavalescos, parece haver um interesse, partilhado entre os artistas que formavam o rancho, na indumentária histórica que desloca a realidade brasileira para épocas e territórios distantes. Se os cordões e ranchos anteriores se concentravam em uma plástica luso-africana, o Ameno Resedá representou tanto o sistema solar e o inferno, quanto o Egito Antigo e os sultões do Oriente Médio, denotando certa fantasia diante dos povos do mundo, distantes da realidade concreta do cotidiano carioca. Essa iniciativa é consonante com um mundo no limite entre duas eras. Na mesma década dos primeiros êxitos do rancho, o mundo iria desencadear um processo de derrubada das antigas crenças, um olhar menos ingênuo com as antigas verdades. As grandes guerras do século XX e suas agudas crises humanas colocariam em questão toda essa fantasia de exotismo.

Muito acertadamente o livro destaca o carnaval de 1913, quando o rancho avança conceitualmente em sua expressão. Conectado à eminência de uma guerra, escolhe como tema a paz mundial e desenvolve quase 80 figurinos baseados em países e culturas diversas. Com qualidade investigativa, o livro utiliza as descrições dos jornais da época para relacionar os figurinos citados e as pranchas de croquis de figurinos (apresentadas em cores nesse mesmo capítulo).



Dando um passo além da publicação dos desenhos e suas referências, o livro de Madson transforma essas pranchas em um só desenho, retirando cada croqui de seu enquadramento solitário para justapor um a um numa disposição de desfile. É dessa nova prancha, produzida para essa publicação, que se constitui a capa do livro. Esse procedimento permite ao leitor imaginar mais concretamente como ficavam os integrantes do rancho durante o acontecimento carnavalesco no espaço público carioca. Como um encenador, o autor expõe cada elemento em sua individualidade e os reúne em uma cena coletiva carregada de potencialidade, ainda que fictícia.

A descrição minuciosa dos figurinos é fundamental para a compreensão do olhar das classes sociais que compunham o carnaval do Rio de Janeiro da época. É perceptível a metamorfose que a cultura carnavalesca estava sofrendo a partir do trabalho artístico do rancho Ameno Resedá, especialmente no que diz respeito às heterogêneas indumentárias, ricas em detalhes.

As incontáveis referências aos jornais do início do século XX fazem o leitor imaginar o quão famoso e influente na cultura carioca foi o Ameno. Isso leva o leitor a supor que, efetivamente, o carnaval da segunda metade do século XX, baseado nos desfiles das escolas de samba, encontra lugar na esteira do rancho Ameno Resedá.

No entanto, teria sido importante lançar um olhar crítico sobre esse mesmo desfile. No início do livro, é dito que os ranchos foram manifestações populares, em contraponto com as grandes sociedades. Parece haver um deslocamento dessa posição popular, no caso do Ameno Resedá, visto que a questão negra não é abordada e, em um artigo citado, eles são chamados de “sociedade”. No desfile de 1913, a porta-bandeira segura o estandarte da Paz Mundial “symbolizando a confraternização dos povos civilizados”. No entanto, a África não é mencionada nas citações transcritas a respeito desse desfile, o que indica um problema: o Brasil foi, durante certo período do século XIX, o maior porto de tráfico de pessoas do mundo. E essas pessoas vieram de África. Elas não fazem parte dessa confraternização. A importância desse questionamento não se encontra numa simples militância atual, mas faz parte do interesse suscitado pelos leitores do livro (provavelmente estudantes, professores e pesquisadores da área do carnaval e da indumentária), afinal isso indica um posicionamento de classe social do rancho Ameno Resedá. Há, mesmo, uma referência ao carnaval de 1914, no qual o rancho passa a



desfilar com as grandes sociedades. Parece haver um deslocamento de classe na história dos ranchos a partir desse exemplo, conduzindo o rancho de um posicionamento popular a uma manifestação tão sofisticada e burguesa como aquela das grandes sociedades.

Na estrutura do sumário é possível vislumbrar um interesse acentuado pela pesquisa a respeito do ilustrador e artista visual Amaro Amaral (1875-1922), visto que há mais subitens no capítulo 4, referente ao artista. Isso é verificado no corpo do livro. A paixão do pesquisador encontra-se nesse capítulo e, para o leitor há um prazer especial desvendar os pormenores de sua biografia pessoal e profissional.

Destaco a importância dada à assinatura do artista, algumas vezes transformada, até se metamorfosear finalmente em uma “semelhança” com um rosto humano. Está claro, aí, que Amaro Amaral indica um trabalho sobre a forma, experimentando configurações diversas ao longo de sua trajetória como artista, trabalhando em mídias variadas e com técnicas diversas.

O capítulo em questão nos oferece, ainda, transcrições de artigos jornalísticos sobre o trabalho de Amaro Amaral no teatro, para além do carnaval. O artista experimenta a concretude do palco em alternância com aquela do rancho. É como a assinatura: hora é escrita na horizontal, hora na vertical. Há uma forma sendo experimentada na produção desse artista que, infelizmente, morreu tão cedo.

Sua assinatura deflagra essa busca incessante da transformação, da operação sobre a forma. Foi bastante pertinente ter colocado luz sobre esse aspecto e ter buscado alguns comentadores que publicaram a esse respeito. O “rosto” formado por sua assinatura não é apenas um nome escrito de maneira espirituosa, mas traz a presença de um artista de quem, ainda, pouco se falou, mas que está na origem do carnaval contemporâneo. Trata-se de um rosto que olhamos e que nos olha de volta. O rosto é um outro.

Não somente de informações históricas é composto o último capítulo. O autor traz à baila o carnaval contemporâneo, estabelecendo articulações entre os desenhos de Amaral com aqueles da carnavalesca Rosa Magalhães. O leitor verifica, nas propostas plásticas do artista do início do século XX, procedimentos e soluções nas indumentárias dos carnavais atuais da Marquês de Sapucaí.

As referências bibliográficas, ao final do livro, são, igualmente, um presente ao pesquisador de um espectro de áreas possíveis. Trata-se de um copioso inventário de fontes de investigação



Na linha do croqui, como na linearidade do desfile:  
apreciações sobre *A folia carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá*  
Claudio Flores Serra Lima

sobre o carnaval, a história e a cultura carioca. Convém debruçar-se sobre os títulos de livros, periódicos e sítios da internet listados pelo autor.

*A Folia Carnavalesca de 1913 e o rancho Ameno Resedá* é, sem nenhuma dúvida, uma publicação bem vinda às nossas estantes. Além da beleza visual, nos enriquece com tantos documentos garimpados em arquivos de museus e de jornais, que estariam esquecidos do grande público interessado em arte e história. Sua sucessão de capítulos vai construindo uma linearidade de imagens e informações que se transformam na apoteose do último capítulo.

Recebido em: 31/03/2023  
Aprovado em: 25/06/ 2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC  
Centro de Artes Design e Moda – CEART  
*A Luz em Cena* – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas  
[aluzemcena.ceart@udesc.br](mailto:aluzemcena.ceart@udesc.br)